

CIENTISTAS

Um anjo caído na selva

A vida e a obra do sanitarista Noel Nutels exaltadas no romance do escritor e também médico Moacyr Scliar

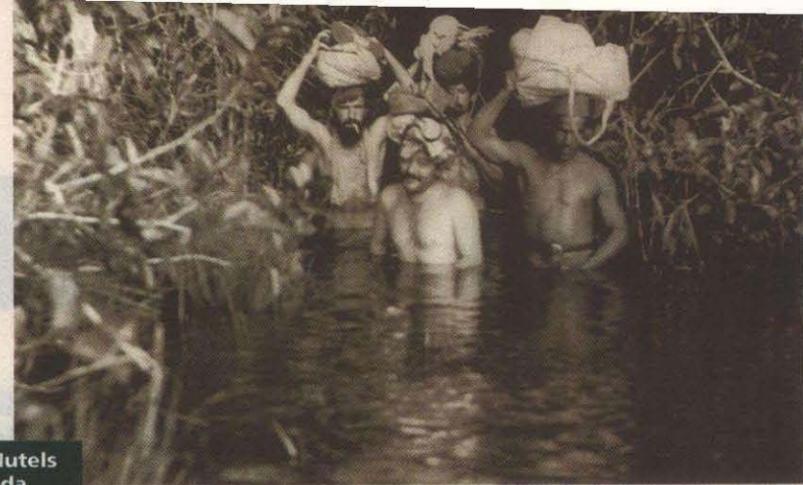
No silêncio da noite, grileiros de olho nas terras indígenas põem em prática um plano de extermínio ao mesmo tempo inescrupuloso e infalível: transmitir varíola aos índios. Eles sabem o quanto esses povos são vulneráveis às doenças infecciosas do homem civilizado. Sarampo, tuberculose ou uma simples gripe costumam ser fatais. Espalham então roupas infectadas, usadas por doentes das vilas e cidades próximas, em suas trilhas na mata. O resto fica por conta da curiosidade natural dos índios, que apanham as roupas e as vestem. Em poucos dias, a tribo inteira, guerreiros, mulheres e curumins, está dizimada.

Tal método encontrou um obstáculo inesperado nos anos 40, com a chegada ao ainda despovoado Brasil Central do médico sanitarista e fisiologista Noel Nutels, um judeu russo emigrado da Ucrânia que logo se transformaria num grande brasileiro. Ele não só passou a cuidar da saúde dos índios e a vaciná-los contra enfermidades para as quais não tinham defesa orgânica, mas acabou se tornando, ao lado dos sertanistas Orlando e Cláudio Villas Boas, um de seus mais devotados defensores, fazendo da causa indígena seu credo e profissão.

Aliás, ao trocar uma possível carreira bem-sucedida na cidade pelo atendimento clínico e sanitário dos índios e sertanejos no coração do país, primeiro como médico da Fundação Brasil Central, órgão criado em 1943 para desbravar o oeste, e, depois, com o seu pioneiro e revolucionário Serviço de Unidades Sanitárias Aéreas (Susa), Nutels, sem o saber, transformava-se num marco da saúde pública brasileira. Desde então, sua trajetória foi uma mistura bem dosada de talento, idealismo, humor e aventura.

“Os índios não passavam de acidentes da natureza, que deviam ser removidos”

Noel Nutels era exatamente o tipo cuja vida daria um romance. Por sorte, já podemos dispensar a frase feita, pois a tarefa acaba de ser realizada, com sensibilidade e competência, pelo escritor gaúcho e médico sanitário Moacyr Scliar, que no livro *A Majestade do Xingu*, lançado pela Companhia das Letras, transforma a vida e a obra de Nutels em literatura de primeira. “Muito antes de pensar nele como um personagem de ficção, eu já o admirava pelo seu trabalho pioneiro com os índios”, conta o romancista. “Naquela época, os indígenas eram vistos pelos invasores brancos não como seres humanos, mas sim, como um acidente da natureza, que precisava ser removido do mesmo modo que se derrubava a selva. Isso mudou com a intervenção de Nutels. Anos depois, em decorrência de minha própria atividade em saúde pública, conheci-o pessoalmente, o que só contribuiu para admirá-lo ainda mais.” Certamente, ninguém adivinharia o sanitário incansável naquele garoto assustado, de apenas oito anos, que aportou em Recife, junto com a mãe e a tia, em 1922. Eles vinham da distante Ananiev, fugindo das perseguições aos judeus na convulsionada Rússia do início do século. Anos depois, Noel dirá que se identifica e entende os índios porque eram um grupo tão oprimido e exterminado quanto o povo semi-



Acima, Nutels à frente da expedição por dentro do rio. Abaixo, ele aterrissa numa tribo. Ao seu lado, Cláudio Villas Boas.



FOTOS ARQUIVO ORLANDO VILLAS BOAS

ta do qual descendia. Seu pai, Salomão Nutels, a quem o menino ainda não conhecia, tinha vindo oito anos antes para tentar a sorte na América do Sul. Depois, estabelecido na Laje do Canhoto, no interior de Pernambuco, mandou chamar a família.

UM GAROTO LIVRE NUMA TERRA ESTRANHA

No livro de Scliar, um personagem fictício, que supostamente teria viajado no mesmo navio, o *Madeira*, que trouxe Noel ao Brasil, faz as vezes de narrador da saga dos Nutels. Através dele, os leitores ficam sabendo dos primeiros contatos do garoto com

a terra estranha, a infância livre pelas ruas do povoado, os bons tempos de estudante, quando, de volta a Recife, Noel ingressa na faculdade de medicina e, por fim, sua chegada ao Rio de Janeiro na esperança de arrumar emprego. Não consegue, mas, em contrapartida, envolve-se com a mais fina flor da intelectualidade da época. O narrador de Scliar é quem conta: “Nesse meio tempo, e sem ter o que fazer, Noel juntou-se ao grupo que fazia a revista *Diretrizes* (dirigida pelo jornalista Samuel Wainer), que era uma publicação de esquerda, e ali estavam o José Lins do Rego, o Graciliano Ramos, o Jorge Amado. Grandes escritores”.

No museu, os objetos de Noel

Na mesma proporção da alegria e generosidade de Noel Nutels, os índios retribuía sua dedicação presenteando-o com arcos, flechas, tapetes, cerâmicas, instrumentos musicais, colares, cestos, redes. Todas essas peças, somadas a outras que o médico reuniu ao longo de seus 30 anos de convívio com diversas tribos, formam a Coleção Etnográfica Noel Nutels, hoje no acervo do Museu do Homem do Norte, em Manaus. Vale a pena uma visita para conhecê-la. Quase todos os grupos indígenas com os quais o sanitário teve contato estão representados através destes “presentes”. Além de seu indiscutível valor etnográfico, a coleção traduz o grau de carinho que os índios

tinham por ele. Depois de cobiçada pelo Museu do Homem de Paris, foi adquirida, em 1983, pela Fundação Joaquim Nabuco, à qual pertence o museu amazonense.

Museu do Homem do Norte
 (092) 232-5373 / fax: (092) 232-5373
 E-mail: IESAM@fundj.gov.br
 Manaus - AM

Vaso zoomorfo, em cerâmica, dos índios carajás



O futuro, porém, esperava por ele em Botucatu, no interior paulista, onde foi trabalhar como médico do Instituto Experimental Agrícola. Por coincidência, essa era a cidade natal dos irmãos Villas Boas, que, poucos anos depois, estariam tão ligados ao seu destino. O interregno paulista dura pouco. Logo foi transferido para as obras de saneamento da Baixada Fluminense, onde não só se especializou em malária, como também contraiu a doença – a primeira de uma série de 40.

Foi seu trabalho com a malária que o levou a ser nomeado médico da Fundação Brasil Central, criada no governo de Getúlio Vargas. Dessa vez, Noel foi combater a enfermidade no sertão de Goiás, que começava a ser tocado pelos ventos do desbravamento. Ali, teve contato não só com a malária, mas também com a tuberculose, a sífilis, a lepra, a verminose e a desnutrição. Descobriu assim que o Brasil era um imenso hospital e que aquela gente, distante da civilização e esquecida pelas au-

toridades, vivia no mais completo abandono. Tal quadro reforçou sua vocação de sanitário, fazendo com que aceitasse, sem vacilar, o convite para integrar como médico a célebre expedição Roncador-Xingu, organizada em 1943 e chefiada pelos irmãos Villas Boas. Este foi o seu primeiro contato com os índios, que, daí em diante, norteariam toda a sua vida.

PACIFICADOR DE ÍNDIOS? “NÃO, DE BRIGADEIROS”

O encontro de Noel com os sertanistas Villas Boas foi em Xavantina, Goiás, onde passou a residir. Orlando lembra de sua chegada num fordinho-de-bigode carregado de malas: “A vanguarda da expedição precisava de um doutor em malária, mas logo ele deparou com outras doenças, como a tuberculose, que já atingia os índios”, conta. À medida que a expedição penetrava a região, Noel acompanhava sua marcha, às vezes a pé, outras, em lombo de burro e até, para pou-

par parte do corpo das picadas dos insetos, por dentro dos rios. Ao mesmo tempo que tomava contato com diversos grupos indígenas, o médico percebia o quanto eles estavam ameaçados pelas doenças que vinham a reboque da frente expansionista. A mais avassaladora delas era a tuberculose. Noel ficou profundamente abalado quando ouviu de um cacique carajá a queixa de que os brancos haviam trazido para o seu povo “uma doença que emagrece, faz tossir e cuspir sangue”. Nutels, aliás, desconfiava que o temido bacilo havia sido introduzido entre os indígenas já pelos missionários José de Anchieta e Manoel da Nóbrega. Numa famosa entrevista ao semanário *O Pasquim*, nos anos 70, o sanitário comenta o espanto dos jesuítas diante da alta mortalidade dos índios: “Não sabiam que eram eles que os estavam matando, porque, provavelmente, tanto o Nóbrega como o Anchieta eram tuberculosos. Aquela jibosidade do San-

Trecho de “A Majestade do Xingu”

“Noel é médico. Não é muito médico, segundo os critérios habituais; trata-se de um sanitário. Uma vez perguntei a um colega seu, doutor, e ele me disse que sanitário é o médico que trabalha com o corpo social, não com o corpo individual. Confesso que não entendi muito bem. Corpo social? O que é o corpo social? Onde está o corpo social? A cabeça no estreito de Bering, os pés na gelada Patagônia, as costas sobre a mata amazônica, é lá que está o corpo social? E como se examina o corpo social? Galopando a cavalo pelo tórax, pelo ventre? E como se sente, o médico do corpo social? Como os homenzinhos diante do gigante Gulliver?”



Documentação
 Rev. Globo Ciência Vol. 7 nº 79
 Feb. 1998 52-57
 OPR 00 267

CIENTISTAS

“Anchieta e Nóbrega passavam sua tuberculose para os indígenas”

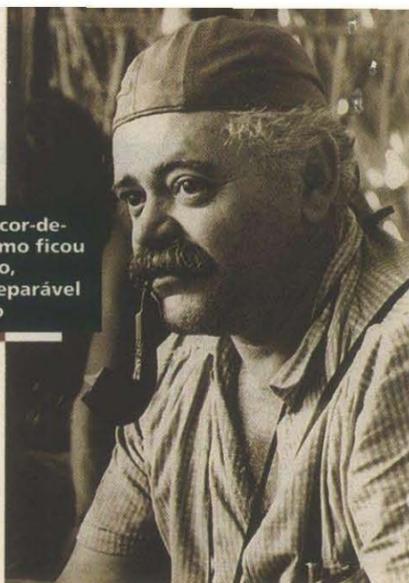
to Anchieta era, possivelmente, tuberculose na coluna vertebral. A descrição da morte de Nóbrega, de hemoptise, confirma isso”.

Para combater a enfermidade de frente, Noel fez, em 1951, um curso de especialização no Serviço Nacional de Tuberculose (SNT) e, no ano seguinte, publicou um plano para uma campanha de defesa do índio brasileiro contra a tuberculose. Em vez de retirar os doentes da mata e interná-los em hospitais, Nutels ia até eles, em suas tribos, e trabalhava em conjunto com os pajés. O respeito à tradição dos indígenas fazia com que a vacina BCG e a magia se irmanassem em nome da cura. “Noel não violentava os valores culturais

dos índios”, comenta Scliar. “Nutels chegava à aldeia e, com seu carisma e bom humor, transformava em festa o exame dos doentes.” Em seus atendimentos na selva, o sanitarista já contava com um aparelho de raio X, obtido junto ao SNT, e com aviões da Força Aérea Brasileira (FAB) para deslocamentos aéreos. Mas ele queria mais. Foi assim que nasceu o Serviço de Unidades Sanitárias Aéreas, o Susa, com o fim exclusivo de atendimento médico e sanitário das populações indígenas e sertanejas.

Este era um antigo sonho de Nutels, que conseguiu realizá-lo no governo de Juscelino Kubitschek. Orlando Villas Boas lembra que, nessa época, o médico definiu-se assim quando perguntado se era um pacificador de índios: “Nada disso. Sou pacificador de brigadeiros”. O serviço, que passou a contar com os aviões Dou-

O “índio cor-de-rosa”, como ficou conhecido, e seu inseparável cachimbo



FOTOS: ARQUIVO ORLANDO VILLAS BOAS

glas C-47 do Correio Aéreo Nacional, foi um sucesso. Com seu hospital ambulante, Nutels visitou dezenas de locais até então inacessíveis, muitos jamais beneficiados com qualquer tipo de atendimento médico, e quase todos vivendo na mais extrema miséria. Além de vacinação em massa contra diversas doenças, distribuição de remédios, exames clínicos e oftalmológicos, abreu-



A dedicação à causa indígena levou-o, em 1963, à direção do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), da qual se exonerou por discordar da organização da entidade

grafias, radiografias e tratamento dentário, Nutels aproveitava para fazer campanhas educativas, levando, para isso, projetores de filmes. Alto-falantes anunciavam a chegada da equipe e faixas avisavam que tudo era de graça. Com o tempo, Noel incrementou seu ambulatório volante com violeiros repentistas, que tinham a dupla função de cantadores e educadores sanitários.

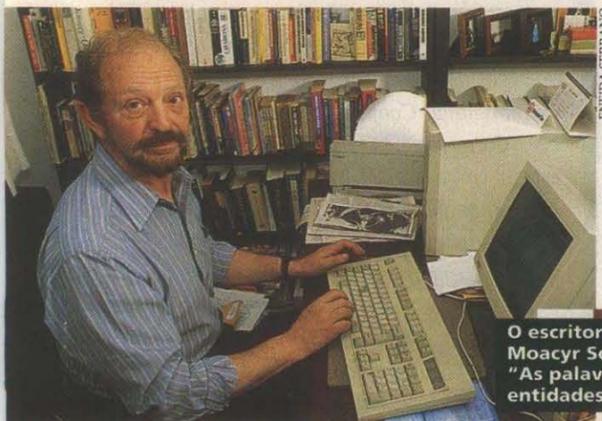
Quando o Parque Nacional do Xingu foi finalmente criado, em 1961, durante o governo do presidente Jânio Quadros – o projeto permaneceu na gaveta desde os tempos de Vargas –, Nutels continuou cuidando da saúde dos índios através de seu serviço aéreo. “Ele esteve conosco até o fim, só parou quando sua própria saúde não o permitiu mais”, lembra Orlando Villas Boas. Nos

últimos anos de sua vida, já bastante debilitado por um câncer na bexiga, ainda se envolveu na campanha contra a construção da BR-80, estrada projetada para cortar o Parque do Xingu. Morreu em fevereiro de 1973, a poucos meses de se tornar sexagenário, como tanto desejava. Seu amigo fictício, num dos momentos mais comoventes de *A Majestade do Xingu*, imagina que seria o seu fim. Em meio à agonia, Noel chamaria por um pajé para curá-lo: “E então, ele cantará baixinho para Noel e Noel adormecerá e adormecido será levado pelos espíritos para além do grande rio, para os campos floridos onde cessa toda a dor, todo o sofrimento”.

CLÁUDIO FRAGATA LOPES

Leia mais sobre Nutels
O Índio Cor-de-rosa, Origenes Lessa, Ed. Codecri
Noel Nutels: Memórias e Depoimentos, Ed. José Olympio
A Marcha para o Oeste, Irmãos Villas-Boas, Ed. Globo

A veia comum da medicina e da literatura



ENÉIDA SERRANO

O escritor e médico Moacyr Scliar: “As palavras são entidades vivas”

Há, na história da literatura, uma tradição de médicos escritores. Somerset Maugham, Anton Tchecov, Fernando Namora, e, no Brasil, João Guimarães Rosa são alguns exemplos. O escritor gaúcho Moacyr Scliar também pertence a essa nobre dinastia. Formado em medicina pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, especializou-se em saúde pública depois de trabalhar no combate à tuberculose. Começou a escrever quando ainda era estudante, “movido pela angústia do que eu vivenciava no hospital”. Não parou mais. Para ele, a medicina e a literatura estão relaciona-

das com os aspectos mais transcendentes da existência: “No primeiro caso, através da vida e da morte, e, no segundo, nesse mergulho na própria condição humana”, explica. “Além disso, ambas valorizam muito a palavra, que pode ser um instrumento terapêutico muito eficaz, como se pode constatar na psicanálise. Mas não me estranha que médicos sintam necessidade de escrever aquilo que vêem e sentem. Nenhuma pessoa é a mesma depois de estudar e praticar a medicina.”

Leitor contumaz de Franz Kafka, Scliar confessa que o exercício médico, se não o transformou num pessimista, também não o fez um eufórico: “O

estudante é introduzido no estudo da anatomia através do cadáver, ou seja, a iniciação na medicina começa, paradoxalmente, pela derrota da medicina, que é o corpo morto”, observa. “Ver as pessoas morrerem não é nada entusiasmante, mas o processo de aceitação disso implica amadurecimento pessoal. A gente aprende a aceitar os revezes da vida, que não são poucos, com o mesmo espírito filosófico que aceitamos as alegrias, que também não são poucas.” Scliar concorda, porém, que são esses conteúdos representados pela vida e a morte que fazem a grande literatura. Ele exemplifica isso com a *Montanha Mágica*, de Thomas Mann, onde medicina e literatura se unem: “É a história de um jovem tuberculoso que vai para um sanatório e ali empreende uma trajetória de auto-descoberta”, conta. “A tuberculose é

o rito de passagem pelo qual ele começa a compreender a si mesmo. A doença pode ser uma experiência transcendente, capaz de nos ensinar muito.” Além de *A Majestade do Xingu*, baseado na vida de Noel Nutels, Scliar publicou, em 1992, *Sonhos Tropicais*, inspirado em Oswaldo Cruz, outro grande sanitarista brasileiro. Até hoje concilia as duas funções, de médico e escritor, mas sem o desgaste do tempo em que era diretor de Saúde Pública de seu Estado: “Nesta época, o trabalho de médico me mobilizava durante a maior parte do dia”, lembra. “O jeito era escrever de madrugada ou nos finais de semana. Agora aprendi a me organizar.” Coincidência: a família de Scliar, judia como a de Noel, emigrou para o Brasil vindo da mesma região da Rússia que os Nutels. De lá veio também a escritora Clarice Lispector.



ARQUIVO ED. GLOBO

O brasileiro João Guimarães Rosa e o inglês William Somerset Maugham (num retrato de G. Sutherland), expoentes do panteão de escritores médicos

